
Pensar bem: um estudo comparativo sobre o conceito de pensamento em Matthew Lipman e Edgar Morin

Oswaldo Marques

PPGE-Uninove.

oswmarques@uol.com.br

Este estudo tem como base as idéias de Edgar Morin e de Matthew Lipman. O objeto central deste trabalho é discutir as concepções dos dois pensadores relativas ao pensamento, pensar bem, relação da educação com o desenvolvimento do pensar bem. Lipman identifica o pensar bem como o pensamento de ordem superior e propõe uma “educação para o pensar”; Morin com uma nova maneira de pensar, que ele denomina de pensamento complexo, propõe uma “reforma do pensamento”. Estes concepções foram analisadas à luz do seguinte problema: que relações podem ser estabelecidas entre as posições destes dois pensadores e que implicações educacionais se podem derivar das idéias de ambos e das relações estabelecidas entre elas? Para a consecução do proposto empreendeu-se uma pesquisa bibliográfica nas obras dos dois pensadores. Este trabalho está em fase de conclusão. Pode-se adiantar a existência de significativa aproximação entre as idéias dos autores estudados.

Palavras-chave: Educação para o pensar. Pensamento. Reforma do pensamento.

1 Introdução

Importa-nos aqui refletir para entender as contradições e as ambigüidades existentes no pensar, no falar e no fazer humano e compreender, de forma sistemática e aprofundada, as configuração do pensar. O objeto central deste artigo são as concepções de Matthew Lipman e de Edgar Morin relativas às categorias: pensamento, pensar bem, pensamento de ordem superior e complexo, pensamento crítico, criativo cuidadoso e compreensivo. Essas categorias foram analisadas à luz da questão das possíveis relações que se podem estabelecer entre os dois pensadores, tanto em termos de afinidades quanto de diferenças ou mesmo de divergências.

Objetiva-se, portanto, contribuir para os estudos e discussões atuais sobre o pensamento e, precipuamente, sobre o trabalho educativo voltado para o pensar bem. E, de forma mais focada, aprofundar a compreensão das idéias de Edgar Morin e Matthew Lipman sobre o pensamento e o pensar bem, avaliando as possíveis implicações das propostas dos dois autores na prática educativa escolar.

O texto que segue foi organizado, de forma sintética, para permitir explicitar algumas conclusões importantes obtidas da pesquisa em curso, que empreendemos sobre o tema: Possíveis relações entre as propostas de “Reforma do pensamento” de Edgar Morin e “Educação para o pensar” de Matthew Lipman.

2 Conceito de pensamento

Para Lipman, o pensamento é natural do ser humano e pode ser cultivado. É possível desenvolvê-lo e melhorá-lo, o que deve acontecer via educação.

A concepção de pensamento de Morin envolve contribuições das ciências biológicas, físico-naturais, antropossociais, da cibernética e da informática; é uma atividade específica do espírito humano e comporta processos complexos. O autor francês descreve o pensamento como concepção, resultado da relação entre a computação e a cogitação. Para a compreensão desse conceito, é imprescindível considerar o entrelaçamento das noções de computação, de cogitação e de concepção. A concepção de pensamento é construída ao longo de toda sua obra¹, sendo mostrada, de maneira especial, em *O método 3: conhecimento do conhecimento*. As idéias de Morin sobre o tema são abrangentes e radicais, a ponto de construir uma teoria da complexidade para explicar não só o pensamento, mas todo o universo, o mundo físico e vivente. Ele alerta para o fato do pensamento desde sua origem comportar erros e ilusões e, por esse motivo, indica a necessidade de uma educação que auxilie as pessoas a enfrentarem os problemas referentes à maneira de pensar, por meio de uma reforma do pensamento.

Lipman esclarece que o pensamento complexo ou pensamento de ordem superior é capaz de produzir novas relações, tendo como ponto de partida o que conhece, pois,

[...] inclui o pensamento recursivo, o pensamento metacognitivo, o pensar autocorretivo, e todas aquelas formas de pensamento que envolvem a reflexão sobre sua própria metodologia, enquanto examinam, ao mesmo tempo, seu tema principal. (LIPMAN, 1995, p. 43).

Morin, por sua vez, destaca que o pensamento é “[...] uma dialógica complexa de atividades e de operações que aciona as competências

complementares/ antagônicas do espírito/ cérebro[...]" (MORIN, 1999, p. 201). Esse processo constitui a "[...] plena utilização da dialógica das aptidões cogitantes do espírito humano [...]" (MORIN, 1999, p. 201). É a dialógica existente no espírito/ cérebro responsável por elaborar, organizar, desenvolver, "[...] em modo concepção, uma esfera de múltiplas competências, especulativas, práticas e técnicas [...]" (MORIN, 1999, p. 201). O pensamento opera com antagonismos que lhes são inerentes, por esse motivo, ele destaca que o pensamento

[...] deve estabelecer fronteiras e atravessá-las, abrir e fechar conceitos, ir do todo às partes e das partes ao todo, duvidar e crer, deve recusar e combater a contradição, mas ao mesmo tempo assumi-la e alimentar-se dela [...] (MORIN, 1999, p. 201).

Nesse ponto, tanto Lipman quanto Morin concordam sobre a importância e a complexidade que envolve o pensar e consideram que o pensamento é um processo complexo de relações, associações, separações, recursividade, metacognição e autocorreção; que trabalha com antagonismos e pode criar novas idéias, "novos universos". Para ambos, o pensamento, além de constatativo, é também inovador e, se temperado pelo cuidado (Lipman) ou pela valoração que leva à compreensão humana (Morin), ganha dimensão maior de instrumento e fomento de humanização.

3 Pensamento de ordem superior / pensamento complexo

Para Lipman, o pensamento de ordem superior, também chamado de "complexo" ou de

"pensar bem" é, conceitualmente rico, coerentemente organizado, persistentemente investigativo e ainda, criativo, crítico e cuidadoso. É um pensar rico em atos mentais que, durante as deliberações, colaboram ou colidem entre si à medida que as idéias se desenvolvem a partir de outras idéias quando elaboramos nossos cursos de pensamentos individualmente ou quando dialogamos com os outros ou avaliamos suas razões.

Essas idéias são análogas às de Morin. Para ele, o pensamento está em constante desequilíbrio, autogerando-se a partir de um

[...] dinamismo dialógico ininterrupto, formando um circuito reflexivo ou, melhor, um 'turbilhão'; por esse motivo necessita de permanente regulação interna através dos antagonismos complementares que se controlam uns aos outros, como por exemplo através do processo de análise e síntese, de compreensão e explicação e, regula-se externamente através do 'diálogo como a realidade exterior. (MORIN, 1999, p. 203).

Entretanto, ao mesmo tempo, caminha na incerteza dos caminhos que se bifurcam, trifurcam, multiplicam-se. Complexificam-se.

Lipman diz que o "pensamento de ordem superior" ocorre sob o amparo da verdade e do significado e engloba o pensamento crítico e o criativo e é capaz de analisar os próprios procedimentos, sua perspectiva e seu ponto de vista; reconhece os fatores tendenciosos, os preconceitos e a auto-ilusão, pensa sobre si mesmo "[...] ao mesmo tempo em que pensa seu tema principal." (LIPMAN, 1999, p. 42). O pensamento de excelência considera, simultaneamente, os procedimentos e os conteúdos;

suas convicções estão sustentadas em razões e critérios válidos; produz juízos consistentes e bem fundamentados.

Para Morin, o pensamento complexo transita na contramão do pensamento simples e da causalidade linear. A complexidade está na capacidade de se pensar o contexto, considerando as inter-relações, a recursividade, as implicações mútuas e a multidimensionalidade dos fenômenos e das realidades, que são, ao mesmo tempo, solidárias e conflituosas; de respeitar simultaneamente a diversidade, a unidade e a reciprocidade entre as partes e o todo e vice-versa; de incorporar as interações, a desordem e incerteza, as ambigüidades e as retroações; enfim, de reconhecer que as determinações e os acasos fazem parte do mundo físico. Critica a superespecialização das ciências e a fragmentação do saberes, sem deixar de considerar os inegáveis avanços científicos, e destaca a produção de conhecimento e a elucidação dos problemas em todos os campos.

Lipman não se abstém de criticar o método científico, especialmente, em relação aos problemas da superespecialização. Afirma que uma “[...] mente superespecializada é o que há de pior na vida acadêmica, e precisamos da persistente advertência interdisciplinar [...]” (LIPMAN, 1995, p. 381).

As próximas sessões tratarão das formas de manifestação do pensamento de “ordem superior” para Lipman e “complexo” para Morin: crítico, criativo e criador, cuidadoso e compreensivo.

4 Pensamento crítico

O pensamento crítico, para Lipman, é um dos componentes necessários do pensamento de ordem superior e um de seus papéis é o de manter uma luta constante contra o dogmatismo e a ma-

nipulação intelectual. O ser humano possui uma força ilimitada para o auto-engano, que o mantém parcial em seu próprio ponto de vista, sendo capaz de desconsiderar as outras pessoas que estão ao seu redor; é desse fato que surge o fanatismo, a intolerância e a doutrinação tão presentes no mundo. Por esse motivo, Lipman propõe que o pensar seja autocorretivo, sensível ao contexto, orientado por critérios e que conduza ao julgamento com lucidez. Os critérios e as razões fazem parte do pensamento crítico, são os fatores diretivos desse pensar e deveriam orientar as decisões que as pessoas tomam diariamente durante a vida; por isso é necessário conhecê-los bem a fim de evitar a alienação e o servilismo cognitivo.

Morin expõe que, na luta contra o erro e a ilusão², “[...] devemos reconhecer como dignas de fé apenas as idéias que comportem a idéia de que o real resiste à idéia.” (MORIN, 2002, p. 30); que a mente humana deve desconfiar de seus produtos que são “ideais” e estar permanentemente atenta a fim de evitar o idealismo e a racionalização; é preciso exercer controle e negociação entre a mente e suas idéias (MORIN, 2002, p. 33). Em *O método 3*, afirma que “[...] o pensamento não pode evitar o risco de desregulação, ou seja, de loucura.” (MORIN, 1999, p. 204). Nesse caso, para os autores, a educação poderia auxiliar as pessoas a enfrentarem os problemas que dizem respeito à sua maneira de pensar.

Morin não só compartilha com Lipman da idéia de autocorreção, mas também analisa esse assunto de uma forma contundente em toda sua obra *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, na qual menciona que “[...] o conhecimento, sob a forma de palavra, de idéias, de teoria, é fruto de uma tradução/ reconstrução por meio da linguagem e do pensamento e, por conseguinte, está sujeito ao erro.” (LIPMAN, 2002, p. 20-33); ao tratar da incerteza do conhecimento, introduz

a idéia dos “metapontos de vista”³ que “permitem a reflexividade e comportam, especialmente, a integração observação-conceitualizador na observação-concepção e a “ecologização” da observação-concepção no contexto mental e cultural que é o seu” (LIPMAN., 2002, p. 31).

Morin e Lipman tratam de maneira semelhante algumas idéias sobre pensamento auto-crítico e autocorretivo. Para o primeiro, o pensamento comporta a autocrítica e necessita estar atento e controlado a fim de evitar as ilusões, as racionalizações, as desregulações e a loucura. Já o segundo destaca a autocorreção como um importante componente do pensamento crítico, que tem a função de identificar no próprio pensamento e no dos interlocutores, os erros e ilusões, as ambigüidades e inconsistências existentes no pensamento e no discurso.

5 Pensamento criativo / pensamento criador

Para Lipman, o pensamento criativo é essencial e compõe o pensamento de ordem superior, conduz ao julgamento, é orientado pelo contexto, é autotranscendente, sensível aos critérios e implica no julgamento crítico, não é apenas sensível, mas orientado pelo contexto; está preocupado com a invenção e a totalidade, controla-se através do objetivo de ir além de si mesmo, transcender-se, assim como através do objetivo de alcançar a integridade (LIPMAN, 1995).

Morin considera que a criação e a invenção são intrínsecas ao pensamento e estão presentes no processo de concepção. Para ele, trata-se de pensar o novo, o que ainda não existe, não só naquilo que ninguém viu, mas que ninguém pensou. E ainda, fala que a invenção e criação ultrapassam regras e formalidades “superam,

transcendem os limites da razão e remetemos à singularidade das personalidades [...]” (MORIN, 1999, p. 221). De certa forma, a imaginação tem a tarefa de inventar o possível, mesmo que no presente não seja provável; pode criar também coisas ruins e causar sérios problemas para a humanidade.

O “enigma” (Lipman) ou a “complexidade” (Morin) da natureza exigem pensamento crítico, sim, mas também, criativo para que nos aportemos, de alguma maneira, em seu seio misterioso ou incerto. Destaca-se, neste contexto, a necessidade do aprender a cuidar, para tanto é preciso um pensamento “cuidadoso” (Lipman) ou “de compreensão” (Morin), como será explicitado a seguir.

6 Pensamento cuidadoso / pensamento compreensivo

Lipman, para ligar o aspecto afetivo ao intelectual, incorpora a noção de cuidado⁴ ao pensamento de ordem superior, além do crítico e do criativo. O pensamento cuidadoso é ativo, afetivo, empático e valorativo e sugere uma certa perspectiva sobre o que significa ser uma pessoa, sobretudo, em relação à solidariedade e à cooperação; é a dimensão da ética presente no pensamento complexo. A conjugação do pensamento crítico, criativo e cuidadoso é capaz de promover julgamentos melhores e mais completos – o que Lipman chama de “pensar bem”.

Morin, ao falar sobre o pensamento, refere-se ao “pensar bem” em várias passagens de suas obras e, entre as características do “pensar bem”, aponta aquelas que incorporam componentes éticos⁵. Na definição de “pensar bem”, constante no livro *Os sete saberes necessários para a educação do futuro*, pode-se compreender a dimensão

desse pensar que “[...] permite apreender em conjunto o texto e o contexto, o ser e o meio ambiente, [...] o complexo, isto é, as condições do comportamento humano.” (MORIN, 2002, p. 100). O pensar complexo concebe a moral e a ética da compreensão, da reciprocidade, da solidariedade e da cooperação, fundamentais para uma pacificação das relações humanas. Ao afirmar que é verdade que nossas emoções podem aumentar os riscos de erros no pensar, ressalva, entretanto, que sem a emoção o pensamento é pobre ou incompleto.

Percebe-se aí, a existência de mais uma conexão entre os dois pensadores, mais estreita ainda, se analisado o que dizem Lipman, nos seus escritos sobre pensamento cuidadoso, e Morin, em *O método 6: ética*, por exemplo.

The well-thinking: a comparative study about the conception of thought in Matthew Lipman and Edgar Morin

This study is based on the ideas of Edgar Morin and Matthew Lipman. The central object of this work is to discuss the concepts of these two philosophers in respect to thought, well-thinking and connection of the education with the development of well-thinking. Lipman identifies the well-thinking as the thought of a higher order and proposes an “education for thinking”; Morin with new way of thinking, proposes a “reform of thought”. These concepts were analyzed basing on the following problem: which connections can be established among the positions of these two philosophers and which educational implications can be originated from the ideas of both and of the relations established among them? For the consecution of the proposal, it was undertaken a bibliographical research in the works of the two philosophers. This work is in the stage of conclusion. It can

be anticipated the existence of significant approach among the ideas of the studied authors.

Key words: Education for thinking. Reform of thought. Thought.

Notas

- 1 O tema é retomado nos volumes posteriores de *O método* (Volumes 4, 5 e 6) e em outras obras, através de análises cada vez mais amplas, abrangentes e radicais, como, por exemplo, nas obras sobre educação.
- 2 Conferir sobre os erros e ilusões. (MORIN, 2002, p. 19-33).
- 3 “As regras, os princípios, os parâmetros [...] os paradigmas que regem o conhecimento podem tornar-se “objeto de exame por um conhecimento de segundo grau (conhecimento relativo aos instrumentos do conhecimentos)[...]” (MORIN, 1999, p. 24).
- 4 Lipman inclui o pensamento cuidadoso na 2ª edição norte-americana do *Thinking in Education*, de 2003.
- 5 Como, por exemplo, as que estão presentes no seu livro *O método 6: ética* (2005).

Referências

- LIPMAN, Matthew. *A filosofia vai à escola*. São Paulo: Summus, 1990.
- _____. *Filosofia na sala de aula*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- _____. *O pensar na educação*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1995.
- _____. *Natasha: diálogos vygotkianos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- _____. *Thinking in Education*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- MORIN, Edgar. *O método 3: o conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- _____.; MOIGNE, Jean-Louis le. *A inteligência da complexidade*. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- _____. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulinas, 2005.
- _____. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma - reformar o pensamento*. 9. ed. São Paulo: Bertrand do Brasil, 2004.